

Para Mailson, Ciro manterá política

Jamil Nakad Junior
De São Paulo

A eleição do pré-candidato à presidência da República Ciro Gomes (PPS) não representa uma mudança em relação à política econômica do governo Fernando Henrique Cardoso. "Haveria a possibilidade de parte da coalizão (que sustenta o governo FHC) se aproximar de Ciro, ou a aproximação de Ciro da coalizão ou as duas coisas", disse ontem o ex-ministro da Fazenda e sócio-diretor da consultoria Tendências, Mailson da Nóbrega, em conferência telefônica sobre os "Riscos do Cenário Político".

Não haveria "descontinuidade" com a política econômica de FHC, segundo o ex-ministro. O discurso de Ciro Gomes pode mudar já que uma das principais críticas, a política de taxa de juros, pode se esvaziar com a atual

política do Banco Central de reduzir as taxas reais de juros.

"Ciro pode mudar o discurso, mas para isso teria que descartar Mangabeira Unger, principal defensor da renegociação da dívida interna", disse Mailson.

"Historicamente para que os partidos socialistas vençam, eles têm que conquistar o centro, senão não ganha. Ciro e Lula precisam de uma base que ainda não está definida. Assim, modera-se o discurso e a plataforma", diz Lourdes Sola, comparando o cenário político brasileiro com as recentes eleições presidenciais na Argentina e Chile.

De acordo com a avaliação da consultoria Tendências, no curto prazo (de hoje até meados de 2001), o país vive o melhor momento desde o Plano Real, tanto no plano econômico (juros e inflação caindo e PIB e emprego crescendo) quanto no campo po-

lítico (bom relacionamento de FHC com a base no Congresso).

"O único risco foi o caso Eduardo Jorge, mas a hipótese de uma CPI no momento é baixa, pois são raros os casos em que a base parlamentar abandonou o governo e a situação não entregaria algo à oposição para enfraquecer o governo", diz Mailson.

A baixa popularidade de FHC, segundo Lourdes Sola, ainda se deve à desvalorização do Real, aliado a erros do governo, como chamar os aposentados de "vagabundos" mas o quadro tende a melhorar. As camadas mais pobres têm dificuldade de assimilar as mudanças, diz Sola. "Diante de uma reversão aparente, com um círculo virtuoso na economia inédito na história brasileira, há chances de que o governo de FHC recupere a popularidade depois das eleições. Mas recuperar a popularidade é

uma coisa, a outra é fazer o sucessor", diz Sola. "Provavelmente o governo deve lançar um candidato no primeiro semestre de 2001", diz Sola.

Segundo Sola, o brasileiro não quer transigir sobre a estabilidade, mas não quer se limitar a isso. "Quer estabilidade e algo mais, como acesso à Justiça", diz Sola.

Para Mailson da Nóbrega, as eleições municipais não trazem riscos: "A oposição vai tentar capitalizar o caso Eduardo Jorge, mas as eleições municipais giram em torno de questões locais".

A reforma tributária, segundo Mailson da Nóbrega, também será adiada para o próximo ano. A reforma viria para ajudar o crescimento e não o ajuste fiscal. "Seria um critério mais de equidade e eficiência do que para auxiliar o ajuste fiscal e o cumprimento das metas do Fundo Monetário Internacional".